



Um diálogo além do humano.

- RESPONDA-ME SE O QUE VÊ É SEU ... OU MEU.  
(disse um ao outro a lástima)

- NEM MEU, NEM SEU. (retrucou)

- ENTÃO DE QUEM É ?    †    - NOSSO E DE NINGUÉM.

- QUEM O CRIOU ?

- FOI CRIADO E SEMPRE TEM EXISTIDO.  
MAS O CRIADOR SEMPRE EXISTIU.  
E CONTINUA SEMPRE SENDO CRIADO.

- PARA QUE FOI FEITO ?

- PARA FAZER SURTIREM TALS INDAGAÇÕES.

- SÓ PARA ISTO ?    †    - SÓ, ALÉM DE DISTAR A SI MESMO.

- É DIFÍCIL ACEITAR.

- ASSIM COMO É FÁCIL.

- QUEM SOMOS, ENTÃO ?

- PARTES DELE, CO-CRIADORES.

- E SE EU NEGAR ?

- MAS QUE SER NEGADO... E RE-ACEITO AUTOMATICAMENTE.

QUEM SOMOS ?

COMO NÃO SABER ?



A ALIÇÃO.

A ALIÇÃO.

SEMPRE  
...  
SEMPRE

## SUPLEMENTO KOÂNICO<sup>1</sup>

### HQ KOÂNICA AO VIVO

#### **EXISTE O VAZIO ENTRE DOIS QUADRINHOS ?**

**(OU: O KOAN NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AUTORAIS  
ADULTAS)**

**GAZY ANDRAUS**

*"Um cristão esteve comigo há alguns dias e me disse: 'Deus criou o mundo'. Eu então lhe perguntei: 'Quem criou o pecado?' Ele respondeu: 'O demônio'. Daí indaguei: 'Quem criou o demônio?' 'Ele então se viu perdido. Disse: Claro que foi Deus quem criou o demônio'. O demônio cria o pecado e Deus cria o demônio. Então quem é o verdadeiro pecador - Deus ou o demônio? As concepções dualistas sempre levam a tais absurdos." (Osho, p. 72.)*

Este excerto do livro "Tantra-Sexo e Espiritualidade" de autoria do filósofo indiano Bhagwan Shree Rajneesh (que posteriormente trocou seu nome para Osho), serve como introdução a este suplemento que pretende ser uma reflexão 'ativa' de minha dissertação de mestrado, pois que traz em seu cerne o Koan: uma questão que jamais poderia ser respondida racionalmente.

A mente humana toca até o limiar do tridimensional, mas daí não passa, reclusa que é de sua própria condição inexplicavelmente limitante.

Em todos meus trabalhos anteriores, em toda minha vida pregressa, as questões universais jamais me abandonaram, e fiz de minha vida uma espécie de santuário, no qual dia e noite, tentava responder a tais questões, sem nunca ter sucesso.

O único ponto que fazia efeito era a música.

Para o cientista cognitivo Steven Pinker, no livro "Como a mente funciona":

*"A música é um enigma. (...) No que respeita a causa e o efeito biológicos, a música é inútil. Não há nada que indique um design para se atingir um objetivo como vida longa, netos, percepção e previsão acuradas do mundo. Comparada à linguagem, visão, raciocínio social e know-how físico, a música poderia desaparecer de nossa espécie e o resto de nosso estilo de vida permaneceria praticamente inalterado. A música parece ser uma pura tecnologia de prazer, um coquetel de drogas recreativas que ingerimos pelo ouvido a fim de estimular de uma só vez toda uma massa de circuitos de prazer." (p.553)*

---

<sup>1</sup> Suplemento Fanzine anexo à dissertação de mestrado de Gazy Andraus, entregue no dia da defesa, junto à apresentação Koânica – HQ Koânica "ao vivo" – performática encenada na abertura da defesa.

Pinker acaba acertando, de certa forma, pois Jimmy Hendrix já havia declarado, pouco tempo antes de sua morte devido ao insumo de drogas, que descobrira afinal, que nada mais era necessário para que se abrissem as portas da percepção da mente, do que a música (infelizmente a descoberta havia chegado um pouco tarde para ele, e, ao que parece, as gerações seguintes também olvidaram este seu conselho).

Para mim, a música sempre foi o propulsor mestre de meus desígnios. Qualquer tipo de música bem trabalhada: desde as peruanas, com as flautas andinas, passando pela instrumental japonesa, encontrando-se com as cítaras indianas e canções folclóricas libanesas, até as clássicas de Vivaldi e Prokofiev, batendo de encontro ao Rock e suas variações com o Hard Rock, o Heavy Metal e o trabalhado *Progressive Rock* (quase extinto atualmente): uma espécie de "heavy metal" mesclado com música clássica, e culminando nas experimentais alcunhadas de "New Age" .

Enfim, é na música que produzi meus sonhos, e dei (e dou) forma a meus desejos. É com ela que às vezes me vejo como num navio singrando os mares do desconhecido, ou viajo, com toda a felicidade a ignotos mundos, os quais não tenho capacidade de linguagem para narrar.

É com a música que às vezes torno-me extremamente meditativo (o que pareceria tristeza a olhos destreinados), e às vezes pleno de felicidade (mesmo com Heavy Metal, pois, acreditem, há músicas neste gênero que transmitem tal sentimento); é com a música também, que sinto internamente a "vontade" de expressar nas HQs (Histórias em Quadrinhos) os impulsos que me vêm à alma...

É claro que Pinker, no referido livro, traça algumas possíveis considerações da utilidade da música, incluindo a Darwinista, que defende sua utilização com fins de sedução ao acasalamento. Mas a mim, reitero e defendo a idéia de que a música, em última instância, existe para mostrar à mente humana que ela não tem as respostas às questões fundamentais...estas viriam do "místico" (que é perfeitamente necessário, segundo Guy Claxton em seu livro "Ruídos de uma Câmara Escura" - vide minha dissertação de mestrado).

Não é uma simples coincidência que eu tenha estudado meu mestrado num Instituto que tem junto, a Música, tanto na graduação como na pós. Embora eu não tenha cursado nenhuma disciplina específica de música, cursei a disciplina da prof. Dirce Ceribeli, "Em busca das linguagens analógicas: Produção e leituras", que era comum às Artes Visuais e Música.

Este fato da música estar fazendo parte de minhas HQs é ainda mais salientado, se eu lembrar que minhas HQs são feitas diretamente sob a audição musical, que, aliás, me traz a "vontade" de traçar cenas que visualizo quando estou ouvindo-as. Minhas HQs são feitas diretamente à tinta preta (sem esboço à lápis), e o texto e a imagem vão se construindo em conjunto. Mas os roteiros geralmente são fragmentados, e culminam em poucas páginas (variando, geralmente, de duas a cinco ou seis), que é o tempo transcorrido da audição da música (que às vezes ouço seguidamente mais de três vezes). Enfim, o roteiro (o texto), acaba por ser quase uma ode poética a meu impulso, que só vem a existir durante aqueles poucos minutos que a música transcorre (mesmo repetindo-a), tempo o suficiente para me dar a "inspiração", ou melhor, para me abrir as "portas da percepção".

Meu trabalho final, para uma disciplina do curso de Artes da FAAP, onde me graduei em 1992, foi uma espécie de ápice de meu trabalho nas HQs, no sentido de expandir seus limites. Eu o batizei de "HQ ao Vivo", e funcionou da seguinte maneira: fantasiei-me como se fosse um personagem de ficção científica de uma HQ, como se fosse uma espécie de ser "místico-religioso", visto que o traje (um vestido de gala árabe, com capuz), muito se assemelhava com desenhos de personagens místicos, além de uma máscara por mim confeccionada. Tracei um círculo com giz, no chão, e aguardei dentro do mesmo, numa sala de aula, com as cadeiras afastadas. Quando eu estava pronto, os "leitores" abriam a porta (a capa da revista de HQ), e adentravam a sala (como se estivessem folheando um gibi, ou então, como se estivessem "entrando" surrealisticamente - agora Koanisticamente - na história e se tornando partes dela).

Eles me viam no centro do círculo, e eu, como estava inscrito ao mesmo, não podia ultrapassar a linha circundante, como se me prendesse a ela. Já, se um leitor pisasse dentro da área circular, eu me direcionava a ele, como se o fosse atacar...eles não sabiam do roteiro.

Isto tudo, tendo ao fundo uma trilha sonora que eu havia preparado, mesclando trechos musicais, que resultaram em uma "nova" e diferente música, com um texto filosófico declamado por mim (previamente gravado e mixado com os trechos musicais), baseado numa "HQ" de minha autoria, que narrava o diálogo "koânico" e "sobre-humano" de dois anjos antagônicos.

Após a apresentação, que foi também pré-dissertada, e a qual tive o cuidado de distinguir de uma performance ou algo similar, frisando que era uma "HQ ao vivo", que havia transgredido os limites dos quadros de uma

História em Quadrinhos para além deles, surgindo como uma HQ tridimensional, obtive diversas respostas do público: alguns entenderam que era uma HQ e outros me disseram que não entenderam absolutamente nada (sequer o roteiro e/ou a mensagem, e nem que era uma "HQ ao vivo").

Atualmente, mais consciente destas transgressões que tenho feito no mundo acadêmico ou artístico-pessoal (sempre re-crio músicas, partindo de trechos que mais gosto, mesclando-os com outros; por vezes "filmo" minhas HQs como se fossem "desenhos animados", passeando com a câmera por sobre as cenas, ora dando closes, ora distorcendo a perspectiva aliando a elas trilhas sonoras; etc), e escrevendo este suplemento, veio-me a certeza que o trabalho, o qual venho tendo desde que me embrenhei na profissão de autor de HQs reflexivas, está progressivamente tornando-se consistente.

Ora vejo esta conclusão de mestrado como se fosse realmente uma pós-graduação de meu percurso na FAAP; uma espécie de continuação de meu trabalho "HQ ao vivo", que eu havia apresentado antes.

Gostaria de lembrar que a "HQ ao Vivo" não foi apresentada isoladamente. Antes dela, fiz duas outras apresentações um pouco diferentes, no decorrer daquele curso, para duas outras disciplinas, em períodos anteriores à HQ ao Vivo, que, entretantes, foi a culminação de um processo que eu não tinha plena consciência de como estava caminhando.

Agora, com a consecução deste mestrado, vejo-me OBRIGADO interiormente à apresentar novamente esta HQ ao Vivo, com a diferença que seu título será "HQ KOÂNICA", já que:

a) a HQ ao Vivo era uma espécie de transgressão da HQ bidimensional: é como se fosse uma HQ virtual tornada tridimensional, sem repetição, pois feita em tempo presente (não havia um passado, nem haveria um futuro na "leitura" da HQ ao Vivo, pois ela estava inserida numa "revista" que não podia ser revista (paradoxo);

b) e eis o paradoxo (se é uma HQ, como é ao "vivo"?); onde, agora, estão os quadrinhos?

c) a mente do leitor pode ou não captar a mensagem, pois é uma obra aberta (como resultou com alguns de meus "leitores", onde, enquanto alguns pareciam ter entendido a HQ ao Vivo, outros nada compreenderam). E, se a mente não conseguir penetrar na "mensagem" em si, decodificando-a no racional, ela (a não-mente) talvez o possa fazer, preenchendo tal lacuna (como no vazio que existe entre dois quadrinhos, então, como no vazio que "existe" entre um "pensamento" racional e outro de sua mente, preenchendo-a como na gestalt, subliminarmente

(veja explicações acerca destas teorizações em minha dissertação de mestrado).

Eis aí, as explanações e justificativas para este anexo explicativo desta HQ Koânica.

Para finalizar, gostaria de deixar claro que escolhi não apresentar este suplemento junto à dissertação, por ser esta uma "HQ Koânica ao vivo", por isto atrelada aos conceitos da filosofia zen-budista, que apregoam que a mente deve ser ultrapassada para além da mente, para o Nirvana, o presente eterno; conceitos similares aos da Física Quântica, que descrevem não haver passado nem futuro, mas sim um eterno presente, que não obedece a nossos desejos (o elétron se porta como partícula ou onda, e surge cada vez em diferentes posições, independente do desejo "científico" do pesquisador), e por isto não haveria coerência alguma, apresentar este relato textualizado antes de haver o "presente" koânico, que se fará existir, possivelmente, no ato da apresentação à banca examinadora (e ao público presente).

Só então entregarei este suplemento, completando *in loco*, e no "presente" este trabalho-vida.

Gazy, São Vicente, 26/10/99.

*Ritos Soltos*

*Quem somos na Aurora do Tempo?  
Que não almas em busca da vida  
A vida que vive e se faz presente  
No momento que É  
E que nunca foi, e nem será...  
Somente para que saibamos  
Que a vida não é o que pensamos...  
Pois, se pensamos, não vivemos  
Viver não é pensar (pensar é ser dual - e dual é ser pré-ocupado - e pré-ocupado é parar a vida - e paralisada a vida, há o congelamento: sem o fogo, morresse!)*

*Viver é Ser...e ser é estar no átimo eterno...  
Como estamos agora...e sempre.  
Quase como sem-querer!*

*Gazy - 22/11/99*

Agradeço a Erika Saheki ao escaneamento das ilustrações da capa.



CONSTRUTORES PARAM DE CONSTRUIR, EXECUTIVOS LARGAM SUAS PAGAS, PROFESSORES NÃO MAIS ENSENAM A LER E ESCREVER. DESDE QUE UMA NOVA LUE COMEÇOU A BRILHAR EM SUAS MENTES, ELAS NÃO VÊM MAIS RAZÃO DE PROSEGUIR COM ISSO...



ATÉ QUE SURTE UMA FIGURA LOUCA ATRAINDO TODOS COM O SOM DE SUA FLAUTA...



E TODOS SÃO CONDUZIDOS A UM VALE EXÓTICO ONDE PASSAM A ESPERAR UMA REVELAÇÃO MÍSTICA...



H.



ANDRAUS, Gazy. ***Existe o Quadrinho no Vazio entre dois Quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)***. Dissertação de Mestrado do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp. São Paulo. 1999.

#### ERRATA:

**-p.82:** O primeiro parágrafo baseado no texto “Quo Vadis? in *Mundo e Geografia e Política Internacional*. Pangea: São Paulo, ano7, n.4, p.7. agosto/99.

Agradecimentos (retificando esquecimento na dissertação):

- Mozart e Mazé, Andrea Nogueira, Erika Saheki, Dona Baby, Rosângela e Lourdes da PósGraduação do I.A/UNESP e o pessoal da UNESP/Cepel (Myrna T. R. Rego, Antônio João Cancian, Paulo Roberto P. Vella, Claudio Santos Silva, Wagner Villano, Zilá Prado, Denise M. do Valle e Adalto Spinelli) ,além de *Cláudia* Braga Ricardo Andalaft, e outros.

Acesse a dissertação aqui:  
[http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/1999/andraus\\_g\\_me\\_ia.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/1999/andraus_g_me_ia.pdf)

OS FILHOS? COM O KOAN NAS HIGAS

TUTORAIS ADULTAS)

UMA  
DICA  
BOA  
DE



SUPLEMENTO

EXISTE O QUADRINHO NO VAZIO

ENTRE DOIS QUADRINHOS